

ANTROPOFAGIA TRÁGICA, UMA LEITURA DO "PENSAMENTO BRASILEIRO" CONTEMPORÂNEO

Jorge VASCONCELLOS¹

RESUMO: Este artigo pretende apresentar a *antropofagia*, concebida pelo escritor e filósofo brasileiro Oswald de Andrade, como um pensamento tragicamente radical do que é a cultura brasileira contemporânea. Denominaremos essa concepção oswaldiana de antropofagia trágica.

PALAVRAS-CHAVES: Antropofagia, Oswald de Andrade, Trágico, Alegria, *Amor-fati*.

RÉSUMÉ: Cet article vise à présenter l'anthropophagie, conçu par l'écrivain brésilien et philosophe Oswald de Andrade, comme une pensée tragiquement radicale qui est la culture brésilienne contemporaine. Nous appellerons cette Oswaldian conception anthropophagie tragique.

MOTS-CLÉS: Anthropophagie, Oswald de Andrade, Tragique, La joie, *L'amour-fati*.

... sim, talvez, a primeira coisa que teremos a dizer em um artigo/ intervenção acerca do trágico e a contemporaneidade no Brasil que pretende, não sem uma certa ousadia, defender uma posição acerca do/a(s) pensamento(s)/ filosofia(s) contemporânea(s) brasileira(s). Esta posição por nós postulada é simples: não há uma filosofia brasileira!

E mais que isso, nós defendemos posição contrária acerca da existência das filosofias ditas nacionais quaisquer que sejam, mesmo tratando-se das hegemônicas como as autodeterminadas/ determinantes, no contexto neo/ pós-colonial do pensamento, seja ela a “filosofia alemã”, seja a “filosofia francesa”, seja a “filosofia anglo-americana”. Em contrapartida, afirmamos que é possível mapear, entre nós contemporâneos, práticas filosóficas que são experimentadas na Alemanha, na França, na Grã-Bretanha/ Estados Unidos... e claro, também, na Itália, na Espanha, na Grécia, em Portugal, na Turquia, na

¹ **Jorge Vasconcellos**, gonçalense (nascido na cidade de São Gonçalo-RJ, isso 52 anos antes desta data), vive e pesquisa no Rio de Janeiro - RJ, Brasil. Doutor em Filosofia Contemporânea/ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre e Especialista em Filosofia da Cultura Contemporânea/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), graduado (Bacharel e Licenciado) em Filosofia/ UFRJ; além de ter cursado Cinema na Universidade Federal Fluminense (UFF). É Professor do Departamento de Artes e Estudos Culturais/ RAE e do Programa de Pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes/ PPGCA na Universidade Federal Fluminense/ UFF. É líder do Grupo de Pesquisas do Conselho Nacional de Pesquisas/ CNPq *práticas estético-políticas na arte contemporânea*, certificado pela UFF. Ativista do Coletivo de práticas teórico-artísticas de ações estético-políticas *28 de Maio*. Publicou, entre outros, *Deleuze e o Cinema* (2006) e *Arte, Vida e Política: ensaios sobre Foucault e Deleuze* (2010).

Rússia, no Japão, na Eritreia, no Sudão, na Eslovênia, no México, na Argentina, no Brasil. Lista infundável.

Nossa posição é que devemos substituir o termo filosofia de um determinado Estado-Nação, seja este qual for, pelo que denominamos práticas filosóficas. Práticas estas que são realizadas em determinados lugares/ culturas, pelas mais variadas pessoas, em consonância com os mais variados saberes, sejam eles articulados a partir das ciências humanas, sociais... ou mesmo, das artes da imagem-movimento, das artes cênicas/ performáticas, das artes plásticas e visuais. Sejam estas práticas filosóficas articuladas aos mais variados ativismos minoritários: ativismo de gênero, ativismos étnicos, ativismos performativos de contracondutas. Entendemos que nossa perspectiva diante das práticas filosóficas é aquela a qual tomamos radicalmente a filosofia (de tradição ocidental/ europeizante) como uma prática do pensamento.

Por conseguinte, neste texto substituiremos “filosofia” por “práticas filosóficas” e, por conseguinte, por “pensamento”.

Dito isso, apresentaremos uma leitura possível, queremos crer, do pensamento brasileiro contemporâneo a partir de uma inflexão: pensar a antropofagia como a matriz de um pensamento trágico entre nós. Denominaremos essa matriz de “antropofagia trágica”.

* * *

Oswald de Andrade em seu célebre texto *Manifesto Antropófago* propõe a, talvez, mais poderosa interpretação já feita no Brasil acerca do Brasil. Nele encontramos ideias como: ‘Só gosto do que não é meu’; ‘aprecio apenas o que é do outro’; ‘preciso comer o que é de outrem para aí tornar-me o que sou’. Estas são algumas das palavras-de-ordem, ou melhor dizendo, palavras-valise, livremente por nós interpretadas do pensamento da antropofagia de Oswald de Andrade. Essas palavras-Ideias são as orientadoras do que entendemos ser o sentido do *Manifesto Antropófago*. Partiremos deste texto oswaldiano para dar a pensar as relações entre antropofagia e pensamento, mostrando como esta conexão estaria ainda por ser realizada de modo rigoroso. Enfatizaremos, sobretudo, a importância do texto de O.A. para interpretarmos a cultura brasileira, em seus mais radicais aspectos, seja esta uma radicalidade histórica, sociológica e/ ou antropológica; mas, principalmente, em sua radicalidade filosófica. Isso por que afirmamos que Oswald pode e deve ser pensado, antes de tudo, como um pensador, como um filósofo que inaugura práticas filosóficas singulares entre nós.

Evidentemente quando estamos apontando Oswald como um filósofo é preciso que se diga que não estamos defendendo a posição de que existam estritamente falando filosofias nacionais. Não existe propriamente uma filosofia alemã, uma filosofia francesa, ou mesmo uma filosofia grega em seu caráter nacional. Pois, entendemos que

a filosofia aspira e implica um sentido de universalidade que orienta meditações acerca da dimensão do humano, da terra e do mundo. Não obstante, Hegel se diz tratar-se de um filósofo alemão, Pascal por sua vez seria um filósofo francês, assim como, Platão foi um filósofo grego. Nesse sentido, a despeito de recusarmos a alcunha de uma filosofia brasileira, reafirmamos que Oswald de Andrade é um filósofo que inaugurou práticas filosóficas singulares no Brasil.

O que então faz da antropofagia oswaldiana uma prática filosófica, no sentido forte do termo, isto é, um pensamento constituído, que investiga e rivaliza com o cânone da filosofia ocidental, não sem colocá-lo em questão, e, que compõe visão própria do mundo, instituindo uma cosmovisão do que existe, do que é... que se faz vir-a-ser. Apresentando-se, ao fim e ao cabo, como uma teoria do real.

Em suma, perguntamos pelo que faz a antropofagia constituir-se enquanto uma ontologia? Já que ela, a antropofagia, é um saber complexo e sistemático, com categorias singulares e operativas, tornada pelo movimento do pensamento uma contraciência do ser enquanto devir. Seria ela, a antropofagia, uma ontologia para pensar o Brasil e os brasileiros? Que fique claro que ao designarmos o pensamento da antropofagia de Oswald de Andrade como uma ontologia, antes de tudo, trata-se de uma ontologia não-metafísica. Ou seja, escapa-se da perspectiva ontológica pautada pela representação que se caracterizaria pela: subordinação da diferença à identidade, a subssunção das singularidades às potências do Uno. O ser refém às relações do Análogo, às similitudes do Semelhante e à identidade do Mesmo. Em suma, as derivações do platonismo.

A indagação “o que é o Brasil e quem são os brasileiros?” não é o mesmo que a busca pela essência da brasilidade e pela identidade brasileira, como veremos. Trata-se mais de uma orientação de sentido, um colocar-se no horizonte problemático do pensamento. Daí, antes de tudo, a antropofagia é uma prática filosófica; Oswald Andrade, um filósofo, um pensador.

Se assim é, então, quais os problemas a serem enfrentados pela antropofagia oswaldiana? Em que plano de imanência possível emerge esses problemas? Quais seus operadores, seus conceitos? Quais seus personagens conceituais? Enfim, a qual tradição filosófica ela se filia e com a qual rivaliza? Já que fazer filosofia, melhor dizendo, o exercício da prática filosófica implica, a nosso ver, necessariamente: enfrentar e recolocar problemas filosóficos; traçar e instituir um plano de imanência a uma determinada filosofia; criar e operar conceitos que habitam este plano; forjar e designar personagens conceituais que se articulam aos conceitos. Fazer *crítica e clínica* filosófica.

Um pequeno deslocamento aqui se faz necessário, pois, partimos das ideias de Gilles Deleuze e Félix Guattari, e da concepção que ambos engendram do que seja a filosofia e o filosofar, para pensar as relações entre antropofagia, filosofia e pensamento. Assim,

carece explicitar o que seja plano de imanência, conceitos e personagens conceituais para os pensadores franceses.

Em *O que é a filosofia?*², os autores desenvolvem a noção de ‘personagem conceitual’. Nesse livro os personagens conceituais constituem-se como elementos pró-filosóficos ao próprio filosofar, tais quais os conceitos, que seriam propriamente filosóficos, enquanto o plano de imanência se estabeleceria como elemento pré-filosófico, uma espécie de ‘topos’ dos conceitos. A ideia de plano de imanência está diretamente implicada à ideia de conceito em Deleuze e Guattari, à sobrevida dos conceitos filosóficos.

O que são conceitos sob esse ponto de vista filosófico? Os conceitos são totalidades fragmentárias que não se ajustam umas às outras, já que suas bordas não coincidem. Eles nascem de um lance de dados, não compõem um quebra-cabeças. De todo modo, eles ressoam à filosofia que os cria, pois só é filosofia o pensamento que se dá a inventar conceitos. Contudo, os conceitos não constituem por si só um plano de imanência. O plano de imanência não é um conceito particular ou um conceito geral, nem por sua vez, um Grande Conceito a englobar todos os outros conceitos, ele é a pré-condição de existência de todo conceito filosófico, ele é o solo onde os conceitos devem vir à luz. O plano de imanência é a terra do conceito.

Novamente, então, o que é um conceito para o sentido da filosofia que aponta os escritos de Gilles Deleuze e Félix Guattari? Os conceitos são construções na perspectiva deleuziana, a própria filosofia é uma espécie de construtivismo, daí a importância de traçar planos (de imanência), erguer platôs (em espaços-qualquer), semear campos (de força). A imanência é a argamassa destes campos, platôs e planos; e os conceitos são a sua ferramenta. Tanto que em linhas gerais, para essa concepção, os conceitos teriam quatro grandes características: **1)** Eles não são simples, melhor dizendo, não há conceito simples. Todo e qualquer conceito possui componentes, e se definem por eles. Eles, os conceitos possuem uma espécie de cifra. São multiplicidades. Todo conceito é implicado por multiplicidades; **2)** Todo conceito possui um devir que lhe concerne. Os conceitos se acomodam uns aos outros, compondo seus respectivos problemas; **3)** Todo conceito é simultaneamente absoluto e relativo: relativo a seus próprios componentes, aos demais conceitos, a partir do plano ao qual se limita, aos problemas que enfrenta, porém, absoluto pela condensação que opera, pelo lugar que ocupa no plano, pelas condições que impõe ao problema; **4)** Um conceito nunca é discursivo, pois a filosofia não é uma formação discursiva, já que não encadeia proposições. Os conceitos são, como dissemos, ferramentas.

Essa é a articulação que conjuga conceitos e filosofia, ou mais precisamente, entre plano de imanência e os conceitos que o compõe, que garantem ao "filosofante", aquele que estuda a filosofia e interpreta a sua história, conhecer e restituir um determinado filósofo ou mesmo um sistema de pensamento. O plano de imanência torna possível desenhar

² DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Qu'est-ce que la philosophie?* Paris: Minuit, 1991. (*O que é a filosofia?*). Tradução de Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.

diagramas na cartografia do pensamento filosófico. O plano de imanência faz aparecer um rosto em meio à bruma da paisagem filosófica.

Por sua vez, a ideia de personagem conceitual talvez seja a mais radical e extraordinária desta concepção do filosofar proposta por Deleuze e Guattari. Por exemplo, em *O que é a filosofia?* Deleuze e Guattari apresentam Sócrates como personagem conceitual de Platão. Este “Sócrates”, os autores deixam claro, não se trata do Sócrates histórico, nem propriamente um simples personagem por intermédio do qual as ideias platônicas seriam defendidas, seu porta-voz ou alter-ego, mas de um intercessor. Os personagens conceituais são os verdadeiros sujeitos da filosofia. Logo, descartamos qualquer alusão a que os personagens conceituais sejam meramente ilustrativos, eles são pró-ativos na construção de uma teoria filosófica. No entanto, eles não são conceitos, pois eles dramatizam estas filosofias, não são ferramentas como os conceitos, eles fazem a filosofia entrar em jogo, eles fazem-nas jogar, como em um jogo de cena.

Acreditamos que o texto oswaldiano pode ser lido sob essa perspectiva deleuziana da filosofia. Isso à revelia de fortes correntes interpretativas do *Manifesto Antropófago*, que constituem a fortuna crítica ao legado de O.A., e que têm como uma de suas linhas mestras a hipótese de destacar que seu sentido é aquele o de ‘ler’ o Brasil por intermédio de metáforas, contidas na própria letra do texto de Oswald.

Por exemplo, segundo Benedito Nunes, em seu ensaio de introdução ao sexto volume das Obras Completas de Oswald de Andrade – justamente aquele que reúne os dois manifestos determinantes ao Modernismo de 22³ -, propõe a “devoração” como símbolo do processo antropofágico simultaneamente como: ‘metáfora’, ‘diagnóstica’ e ‘terapêutica’. O consagrado crítico propõe como eixo interpretativo que a *metáfora* seria orgânica, já que se inspira em cerimônia guerreira de imolação dos inimigos pelos Tupis, que devoram seus algozes após o combate. Por sua vez, a devoração antropofágica seria ainda um *diagnóstico* da sociedade brasileira, traumatizada pela repressão colonizadora que teria nos condicionado. E, por fim, a devoração faria as vezes de uma *terapêutica*, praticada na ação violenta e sistemática aos mecanismos sociais e políticos, aos hábitos intelectuais e às manifestações literárias e artísticas que teriam produzido este trauma repressivo.

Somos contrários a essa interpretação. Recusamos este sentido dado à antropofagia, especialmente à ideia de “devoração” como metáfora. Defendemos que: onde se lêem metáforas, lemos conceitos.

Conforme enunciamos: Oswald de Andrade, como um filósofo, é um inventor de conceitos – “devoração” opera como um conceito filosófico. E como nenhum conceito é simples, estes possuem sempre elementos. Diríamos, desse modo, que a ideia de “assimilação” presente no processo de deglutição do outro, seria um dos elementos do

³ NUNES, Benedito. “Antropofagia ao Alcance de Todos”. IN: *Obras Completas – 6. Oswald de Andrade: Do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1972.

conceito de *devoração antropofágica*. Apontar a ideia de “devoração antropofágica” como conceito filosófico nos leva a fazer a pergunta: qual ordem de problemas este conceito deve enfrentar? Dito de outro modo, quais os problemas filosóficos, propriamente ditos, que são colocados pela antropofagia? Diríamos, a grande questão da Identidade, mais especificamente das relações entre identidade e diferença no bojo do processo da constituição de um Povo. No caso o Povo Brasileiro. O ‘ser’ brasileiro como o avesso de uma forma identitária nos parece ser o *topos* das ideias filosóficas de Oswald de Andrade.

Por sua vez, qual o plano de imanência que sustenta esses conceitos e faz emergir seus personagens conceituais? Diríamos, estamos diante de um pensamento da pura imanência, como na linhagem filosófica de um Spinoza, de um Nietzsche, de um Deleuze. Pensar o ser é pensá-lo como afirmação do devir... é como pensar os processos subjetivos como transformação do eu em um outro, um *outrar-se* como na expressão criada por Fernando Pessoa.

Por fim, qual, ou quais personagens conceituais são instaurados pela prática filosófica da devoração antropofágica? Arriscamos dizer: o Bispo Sardinha⁴ é um personagem conceitual de Oswald de Andrade.

Oswald ao apresentar sua antropofagia estava produzindo uma rigorosa e meticulosa análise filosófica do Brasil, um diagnóstico ao nosso presente, um sentido aos nossos futuros. Seu texto, mesmo que ao comportar expressões e palavras que sugerem as mais extravagantes imagens, que remetem muitas das vezes às vanguardas literárias européias, como, por exemplo, ao surrealismo, ensejava em seu bojo uma construção que é, de fato, conceitual. Assim, uma expressão como “*a alegria é prova dos nozes*” não seria apenas um gracejo que reivindicaria ao povo brasileiro a festa, o carnaval, o rito jubiloso encarnado, o êxtase; mas, a afirmação da alegria como sentido (do existente) e valor (da vida). Ou ainda outra enunciação célebre contida no *Manifesto*: “*O espírito recusa-se a conceber o espírito sem o corpo. O antropomorfismo. Necessidade da vacina antropofágica.*” Trata-se de *descartesianizar* a filosofia. Tratava-se de descartar Descartes. Ou seja, recusar o paralelismo cartesiano e propor a este um antídoto: ‘a vacina antropofágica’. Ela mesma, um conceito. Estamos diante de um médico da civilização, de um psicólogo da cultura, como Nietzsche, produzindo a sintomatologia da modernidade enferma. Oswald parece evocar a o sentido da ideia de “Grande Saúde” em Nietzsche com seu pensamento antropofágico.

Nietzsche não se faz notar apenas pelas citações explícitas ou subjacentes no próprio *Manifesto*, mas, também, pelo projeto filosófico presente no pensamento da antropofagia de Oswald. Como aponta Maria Cristina Franco Ferraz, em artigo que articula a *Genealogia da Moral* de Nietzsche ao *Manifesto*⁵, Oswald de Andrade digere

⁴ Isso mesmo, falamos daquele pároco, 1º Bispo do Brasil, que teria sido devorado pelos Caetés.

⁵ FERRAZ, Maria Cristina Franco. “Nietzsche Educador: Negatividade, Afirmitividade e Antropofagia”. IN: *Nietzsche, Filosofia e Educação*. Vânia Dutra de Azevedo (org.). Ijuí: Editora Unijuí, 2008.

o dilema do ser e do não-ser tão caros à metafísica clássica e à tradição ocidental, devolvendo-o em forma de paródia e alegria: ao invés do “*To be or not To be*”, em seu lugar o “*Tupi or not Tupi*”. Eis a questão da devoração antropofágica. Segundo Ferraz, Oswald teria, nesse sentido, se aproximado da perspectiva nietzschiana e do estatuto da afirmação em Nietzsche.

A antropofagia é uma filosofia do Sim, um pensamento afirmativo: é isto mesmo, a vida. A vida nos trópicos, sob o sol... *América do Sal, América do Sul, América do Sol...* Ser antropófago é mais que voltar às raízes do homem primitivo a devorar e assimilar a cultura de outrem, pois, nos parece que os caminhos apontados pela antropofagia são exatamente aqueles que inauguram o novo, fazendo com que tudo o que é *de-fora* seja incorporado, modificado, regurgitado não evidentemente por nosso entendimento, mas por nossos intestinos. Ainda como Nietzsche, um pensar que vem das vísceras, um pensamento visceral. A antropofagia (Oswald de Andrade) produziu, juntamente com a tropicália (Hélio Oiticica), o tropicalismo (Caetano & Gil), o cinema novo (Glauber Rocha), o teatro oficina (José Celso Martinez Corrêa), uma interpretação conceitual e sensível do Brasil. Talvez, o mais radical pensamento do Brasil; ou seja, inventado e referido a isto que é o Brasil. Melhor dizendo, estamos diante de um devir-brasil: a antropofagia.

Ele mesmo, Oswald de Andrade, nos ensina (como anti-professor, que o era) o significado da antropofagia:

A ANTROPOFAGIA ritual é assinalada por Homero entre os gregos e segundo a documentação do escritor argentino Blanco Villalta, foi encontrada na América entre os povos que haviam atingido uma elevada cultura – Asteca, Maias, Incas. Na expressão de Colombo, *comiam los hombres*. Não o faziam, porém, por gula ou por fome. Tratava-se de um rito que, encontrado também nas outras partes do globo, dá a ideia de exprimir um modo de pensar, uma visão de mundo, que caracterizou certa fase de toda a humanidade. Considerada assim, mal se presta à interpretação materialista e imoral que dela fizeram os jesuítas e colonizadores. Antes pertence como ato religioso ao rico mundo espiritual do homem primitivo. Contrapõe-se em seu sentido harmônico e comunal, ao canibalismo que vem a ser a antropofagia por gula e também a antropofagia por fome, conhecida através da crônica das cidades sitiadas e dos viajantes perdidos. A operação metafísica que se liga ao rito antropofágico é a da transformação do tabu em totem. Do valor oposto, ao valor favorável. A vida é devoração pura. Nesse devorar que ameaça a cada minuto a existência humana, cabe ao homem totemizar o tabu. Que é o tabu senão o intocável, o limite? Enquanto na sua escala axiológica fundamental, o homem do Ocidente elevou as categorias do seu conhecimento até Deus, supremo bem, o primitivo instituiu a sua

escala de valores até Deus, supremo mal. Há nisso uma radical oposição de conceitos que dá uma radical oposição de conduta.

* * *

De todo modo, nos interessa aqui primordialmente mostrar o quanto o pensamento da antropofagia, enquanto prática filosófica, se articula a uma certa concepção de trágico tal qual Nietzsche a pensou.

Entendemos o trágico em Nietzsche, sumariamente dizendo, como afirmação incondicional da vida, cuja expressão que a designa é *amor-fati*. Nas palavras do próprio filósofo: “Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas: - assim me tornarei um daqueles que fazem belas coisas. *Amor-fati* [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja *desviar o olhar!* E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim!” (*Gaia Ciência*, 276).

Esta ideia de *amor-fati*, tal qual formulada pelo pensador alemão, poderia ser formulada para além desta aceitação sem condições à complacência radical da existência tal qual ela é, também, como uma forma radical de alegria⁶. Trata-se de mais que pensar em termos estritamente teóricos, tal qual como os filósofos problematizam o existir; mas, aceitar de modo radical o viver com total alegria a esta ou a qualquer existência singular. Para os leitores de Nietzsche, entre eles Oswald de Andrade, a alegria é força ativa que potencializa a vontade: “a alegria é a prova dos nove”. Entretanto, ao articularmos aqui o pensamento da cultura de Oswald de Andrade com a temática do *amor-fati* nietzschiano, estamos assumindo, como já o dissemos, uma interpretação trágica da antropofagia. Mais que isso, estamos tornando indiscernível a antropofagia como cosmovisão da cultura (brasileira) com uma perspectiva trágica da existência, articulando o que seria o universal (a antropofagia) com o que seria singular (o trágico): antropofagia trágica.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald. *A Utopia Antropofágica*. 4ª edição. Obras Completas. São Paulo: Editora Globo, 2011.

⁶ Cf FROSSET, Clément. *Alegria: força maior*. Coleção *Conexões*. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2011.